

Jornal

29
EDIÇÃO
JANEIRO, FEVEREIRO
E MARÇO DE 2016

Psicologia em Foco[©]



10 E 11 Sessão Especial

Pondere neste tempero,
hoje vivo em dessabor só

4 ENTREVISTA

JPF conversa com Eduardo Tomanik
acerca das emoções

6 PSICANÁLISE EM FOCO

O amor e identificação em Freud e Lacan

8 COTIDIANO

JPF por uma sociedade sem manicômios!

Jornal
Psicologia em Foco
ISSN 2178-9096

EDIÇÃO Nº29
JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO DE 2016

COORDENAÇÃO

Vinicius Romagnoli R. Gomes
(CRP 08/16521)

EDIÇÃO

Toni Trentinalha

REDAÇÃO

Cícero Felix, Eduardo Chierrito, Emily Albuquerque, Gabriela Cristófoli, Ieda Marinho, José Valdecí Grigoletto Netto, Laura Christofoletti, Toni Trentinalha, Thais Koga

REVISÃO

Christian Silva Reis, Giovana Bertoni
(CRP 08/19036), Luana Ramos Rocha

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Vermelho Panda Estúdio de Design

DIVULGAÇÃO

Amanda Franco, Bruna Maia, Cayla Aparecida de Sousa, Eduardo Chierrito, Fernanda Maysa Borniotto, Lauren Stephani, Thaynara Felipe

IMPRESSÃO

Gráfica O Diário

TIRAGEM

2000 exemplares

ACESSE NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS
PARA RECEBER NOVIDADES E
CONTEÚDOS EXCLUSIVOS



facebook.com/
psicologiaemfocoinstituto

PUBLIQUE SEU ARTIGO

envie um e-mail para
ipfofinadosaber@gmail.com

ou entre em nosso site para
maiores informações
institutopsicologiaemfoco.com.br

CARTA AO LEITOR



Coração sincrônico

EDUARDO CHIERRITO

Graduado em Psicologia e Mestrando em Tecnologias Limpas pelo Centro Universitário Cesumar e membro do Instituto Psicologia em Foco.

Caríssimos, bem-vindos ao lampejo mais simples e contraditório, visceral e social contido em manifestação espontânea, resultado do meio ambiente e daquilo em baixo da pele: Emoções.

Ele sempre quis dizer suas inspirações,
muitas vezes de tão rude eu não permitia,
enrustido sua voz gritava várias fantasias.
E você sempre ouviu esses corações.
Raiva.

Me lembro que eu não me conhecia,
e tudo isso eu guardava,
os cimentos que se concretizavam,
e as velhas rugosas maresias.
Medo.

Como compreender o não dito,
e querer brincar com suas piadas,
pra expressar o que é granito em areia refinada.
Alegria.

Seus símbolos rodeiam o olhar vespertino,
lagrimeja esse velho manejo seu destino...
Tristeza.

Todo: mente que contempla a sincronia.

QUEM SOMOS NÓS?

Somos um Instituto de Psicologia que atua com a missão de promover a troca de saberes em um espaço inovador. Desse modo, contemplamos dois projetos: Jornal Psicologia em Foco (JPF) e Oficina do Saber.

Criado em 2010, o JPF busca viabilizar um espaço para produção científica de acadêmicos e profissionais da Psicologia, bem como para promoção e divulgação dos importantes acontecimentos relacionados à área. O jornal

possui uma tiragem trimestral de 2.000 exemplares com distribuição gratuita nas principais instituições de ensino em Maringá e região, assim como para assinantes em clínicas de saúde, empresas e parceiros.

Criada em 2011, a Oficina do Saber se dispõe a viabilizar um espaço enriquecedor de troca de saberes, buscando preservar a cultura a partir de um conhecimento sem dogmas e com uma linguagem acessível e rigorosa.



ASSINE NOSSO JORNAL

Receba cada edição na comodidade de sua casa e
ganhe descontos nos cursos da Oficina do Saber!

acesse nosso site para assinar: institutopsicologiaemfoco.com.br

PENSO ASSIM



Sobre o perdão e psicanálise

VINÍCIUS ROMAGNOLLI R. GOMES

Psicólogo [CRP 08/16521] pelo Centro Universitário Cesumar, Historiador e Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá.

O perdão pode curar? Está é uma indagação bastante instigante quando pensamos em psicanálise. Para ajudar a respondê-la podemos recorrer ao filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) cuja obra plural dialoga com a fenomenologia, hermenêutica e psicanálise. Ricoeur viveu o período pós-guerra e atentou para aquilo que chamou de “doenças da memória” no qual diversos povos foram submetidos à difícil prova de recordação traumática vinda do passado.

Para o autor alguns povos parecem sofrer de um “excesso de memória” sentindo-se envergonhados pelas humilhações ou glórias passadas; outros, no entanto, são acometidos por uma “falta de memória” ao buscar fugir de seu passado. Ricoeur faz uso do texto freudiano “Repetir, recordar e elaborar” (1914), no qual a compulsão à repetição é apresentada como grande obstáculo para o progresso da análise e o trabalho de interpretação; ao repetir em vez de lembrar o paciente demonstra sua resistência à lembrança. Freud apontava que o lembrar implica coragem por parte do paciente para olhar a doença como um adversário digno de estima e um fundo do qual se pode extrair recursos preciosos para a vida ulterior; do contrário não se pode produzir reconciliação alguma com o recalado.

A partir desta obra de Freud, Ricoeur denuncia a obsessão pelo passado inerente a povos e culturas que sofrem do “excesso de memória” e aponta o trabalho de lembrança psicanalítico como um uso crítico da memória. Para o autor seria a partir da narrativa que a memória poderia ser levada à linguagem, exercendo assim um trabalho de lembrança. A narrativa consistiria em contar a outrem, histórias passadas (contar a um terceiro o ponto de vista do outro), sendo, portanto, um rearranjo do passado que afetaria tanto a memória como o projeto (que remete

ao futuro), tendo deste modo um duplo efeito e levando à elaboração.

Ricoeur nos lembra que o trabalho de elaboração se pauta no fato de que apesar do passado ser inapagável, seus acontecimentos permanecem sempre abertos a novas interpretações, possibilitando mudanças em nossos projetos. Deste modo, o autor considera que o que pode ser mudado do passado é a carga moral e o peso de dívida que pesam sobre o presente e o futuro. Mas o que isso tudo tem a ver com a questão do perdão? Todo o trabalho de lembrança nos impele para a via do perdão ao possibilitar a libertação da dívida por uma conversão do sentido do passado. Para além do trabalho de lembrança, Ricoeur destaca o “trabalho de luto” (também abordado por Freud), que consiste no desligamento do objeto de amor para que se possa internalizar algo novo. Seria na convergência destes dois trabalhos; o de lembrança e o de luto que encontraríamos o perdão.

Para Ricoeur o perdão acompanha um “esquecimento ativo”, ligado ao trabalho de lembrança e de luto e com potencial libertador e curativo. Deste modo, ele é o oposto do esquecimento de fuga (marcado pela denegação e a má-fé), afinal, não se pode perdoar aquilo que foi esquecido, logo, o que deve ser destruído não é a lembrança, mas sim a dívida cuja carga paralisa a memória e a capacidade de se projetar no porvir.



O apontador

THAIS FERREIRA GATTÁS

Criadora de conteúdo e cronista do caderno de cultura Plural do jornal Notícias do Dia.

Ninguém melhor do que nós mesmos para apontar de onde vem uma sensação desconhecida. Um frio na espinha. Uma pontada no estômago. Uma ardência na alma. Um coração acelerado. Vai saber.

Seja como for, vamos acumulando, sem perceber, um leque das mais diversas impressões do mundo e das pessoas que encontramos no dia a dia. Pode reparar: é uma frase atravessada aqui ou um sentimento engolido acolá. E lá vamos nós, colocando para dentro corpos que, de tão estranhos, não permitem uma digestão adequada, pois ninguém é de ferro.

Pobres de nós, que mal nos damos conta do quanto cada uma dessas coisas vai enferrujando aos poucos o nosso sistema. Anuvia a nossa visão. Torce o nosso pé. Seca o canto da boca. Faz doer nossas costas. Arder nossas articulações. Machucam nossos ossos. São esses alguns dos pequenos sinais que a vida vai dando de que há algo a ser consertado na gente. Algo que nos suplica a parar de consertar somente o que acontece no mundo lá fora. O buraco é dentro da gente.

Quais são os “sapos” que andamos engolindo a seco? Quando é hora de parar de remoer tanta coisa? Quando é hora de mudar o curso do barco e pedir uma ajuda? O que vem a ser esse momento de encruzilhada em que somos obrigados a enfrentar o fato de que não é possível resolver tudo sozinho? Esse instante em que a vida vem aguda e mostra que, para seguir em frente, é preciso dar uma mãozinha ao

futuro, tal como uma troca de óleo no carro que o faz continuar na estrada.

Não sabemos mesmo quando é chegada essa hora. A gente chuta na cara dura, torcendo e querendo acertar. Erra por pouco ou por muito. Alguns até de propósito. Cada um de um jeito. Mas lá no fundo, quando estamos sós com nossos botões, sabemos que, se a vida aponta uma dor na gente, é mais do que hora de aprender a enxergar para que lado vamos agora: se paramos por aqui de escrever a história dando a vida por encerrada, ou se a alma formiga curiosa com vontade de conferir o que o futuro pode ser capaz de nos trazer.



CHARGE





Eduardo Augusto Tomanik

Licenciado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Mestre em Psicologia Comunitária pela Universidade Federal da Paraíba e Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi professor associado da Universidade Estadual de Maringá, atuando no Curso de Graduação em Psicologia e nos Programas de Pós-Graduação em Administração, Enfermagem e Psicologia (Mestrados) e Ecologia (Mestrado e Doutorado). Tem experiência nas áreas de Metodologia Científica e de Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Representações Sociais, ambiente e processos sociais. Aposentou-se em outubro de 2011. Atualmente é Professor Voluntário do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, desenvolvendo estudos e orientando trabalhos na área da Psicologia Social das Emoções.

Muitas vezes usamos os termos “emoções” e “sentimentos” como sinônimos, esse uso está correto?

Creio que sim. Em nossos contatos cotidianos nem sempre necessitamos de uma grande precisão conceitual. O importante, na comunicação livre do nosso dia a dia, é que a pessoa com quem estamos falando entenda o que queremos dizer. Além disso, no campo das ciências também não existe uma distinção clara e única sobre aqueles termos. Eles são usados com significados diferentes por diferentes autores. Então, se não sabemos exatamente a diferença entre eles e nem precisamos saber, podemos tratá-los como iguais.

A contemporaneidade produz diversas transformações na maneira de pensar e sentir, vivemos em uma cultura que cultua a felicidade e parece não autorizar a tristeza e outras emoções, qual é o espaço que resta para se emocionar em nosso tempo?

Seguindo as propostas teóricas de Agnes Heller, uma pensadora húngara, prefiro usar o termo afetos, em lugar de emoções ou sentimentos. Um afeto é o efeito que o mundo, os outros e os meus próprios atos produzem em mim. Assim, estamos sempre afetados por algo. Só não haverá espaço para os afetos se estivermos todos mortos. Por isto, penso que as perguntas que devemos nos fazer são outras: que tipos de afetos estamos produzindo, incentivando e vivenciando? Que tipos de afetos estamos inibindo, desestimulando e proibindo, aos outros e à nós mesmos, de experienciar? Quais os efeitos destas produções e proibições?

As representações sociais são comumente denominadas de “ciência do senso comum” como você poderia explicar esta proposta alinhada a perspectiva das emoções?

Este é um ponto que tem me interessado muito. Temos possibilidades de experienciar e de produzir uma gama praticamente infinita de afetos diferentes. No entanto, temos poucas palavras para classificar, descrever, entender e comunicar o que estamos sentindo. Tenho adotado a hipótese de que, dentro da mesma sociedade, grupos diferentes venham desenvolvendo representações sociais diferentes sobre afetos que são denominados pela mesma palavra, ou seja, que os nomes dos afetos ganhem significados e gerem práticas diferenciadas. Podemos pensar, por exemplo, nos significados da palavra amor para um grupo de adolescentes românticos e sonhadores e para outro, formado por extremistas religiosos.

Conhecer e explorar os significados de cada afeto para diferentes grupos, ou seja, quais são as representações sociais que aquele grupo desenvolveu e compartilha sobre

aquele tipo de afeto me parece uma linha de pesquisas extremamente promissora.

No ano de 2013 você apresentou na oficina do saber o tema “nossas (des)conhecidas emoções” retratando um aspecto comum e completamente novo ao mesmo tempo, como se o sujeito humano estivesse em frente de um espelho pela primeira vez. Seria correto afirmar que mesmo em meio a era da informação estamos distantes de conhecimentos elementares sobre nós?

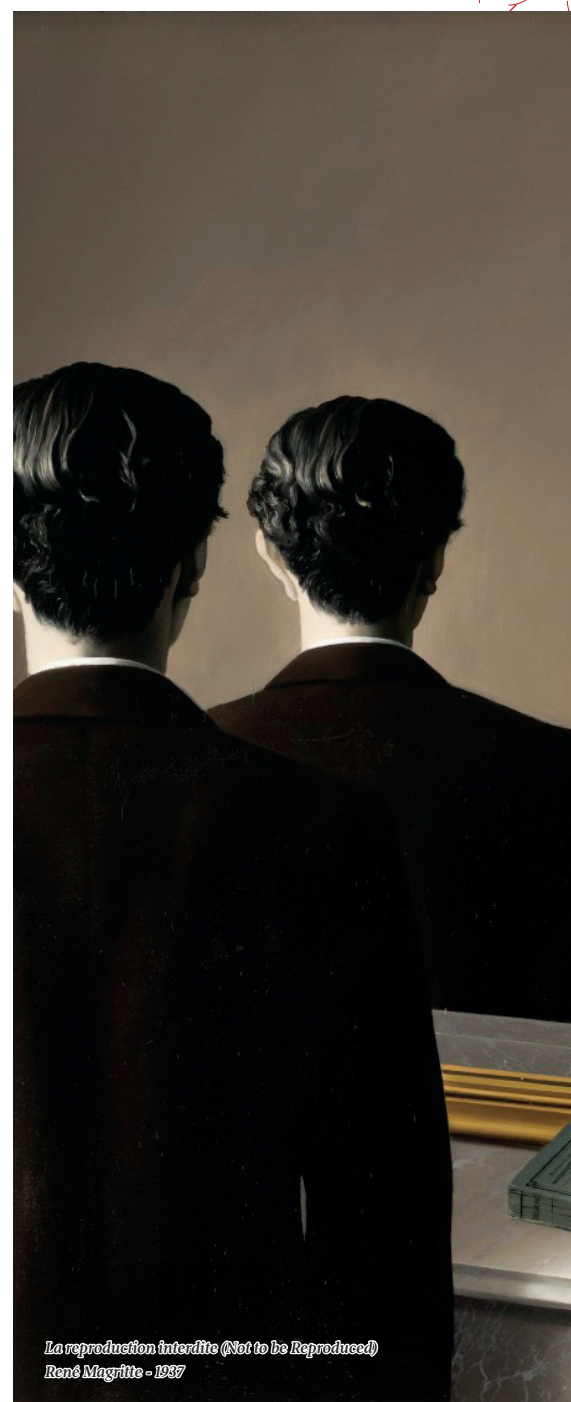
Esta é uma pergunta que poderia dar origem a vários e longos debates. Tentando ser sintético, quero destacar, em primeiro lugar, que vivemos uma era de informações, mas não necessariamente de conhecimentos. Recebemos, a cada instante, uma quantidade enorme de informações e não temos tempo de pensar, aprofundar, associar estas informações a outras, ou seja, não traduzimos estas informações em material dotado de significado e de importância. Não permitimos que elas nos afetem. Por isto, elas são rapidamente esquecidas.

Para piorar aquele quadro, nos dedicamos muito pouco a pensar sobre nós mesmos, seja como indivíduos, seja como espécie. Nos contentamos, geralmente, em receber informações breves, sintéticas, muitas vezes equivocadas e até mesmo mal-intencionadas sobre o que somos e por que somos assim e passamos a considerar estas charlatanices como se fossem verdades. (Eu poderia apresentar uma série de exemplos sobre estes processos, mas, para ser coerente com o que disse no início desta resposta, prefiro deixar que o leitor os procure).

Portanto, me parece correto, sim, afirmar que estamos distantes de conhecimentos elementares sobre nós, tanto no campo das ciências (o que somos, por que somos assim) quanto e especialmente nos campos da ética (como deveríamos ser) e da política (o que deveríamos fazer para chegar a ser como deveríamos). Recebemos muitas informações mas sabemos pouco e pensamos menos ainda.

Para pessoas interessadas em empreender um estudo sobre as emoções qual bibliografia básica você recomendaria?

Tenho usado e recomendado para os meus alunos, como ponto de partida, o livro de Agnes Heller, Teoria de los sentimientos (Editorial Fontamara/ Ediciones Coyoacán: Barcelona/ Cidade do México). Não tenho informações sobre a existência de uma tradução para o português, mas existem edições também em inglês e, claro, em húngaro. Se alguém se dispuser...



*La reproduction interdite (Not to be Reproduced)
René Magritte - 1927*



O papel da psiquiatria nos transtornos de personalidade

GIOVANA JORGE GARCIA

Médica Psiquiatra [CRM 24.337/RQE 17.431], Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Docente de Psiquiatria do Centro Universitário Cesumar e da Faculdade Ingá e Médica Psiquiatra da Essentia – Clínica de Psiquiatria.

Definir personalidade é uma tarefa complexa. De uma maneira mais simples, pode-se entendê-la como o jeito pertencente a cada um de nós. A forma única como pensamos, agimos e sentimos. Personalidade tem relação com nossa identidade e com a maneira que respondemos e interagimos com nós mesmos, com as pessoas ao nosso redor e com tudo que a vida nos traz.

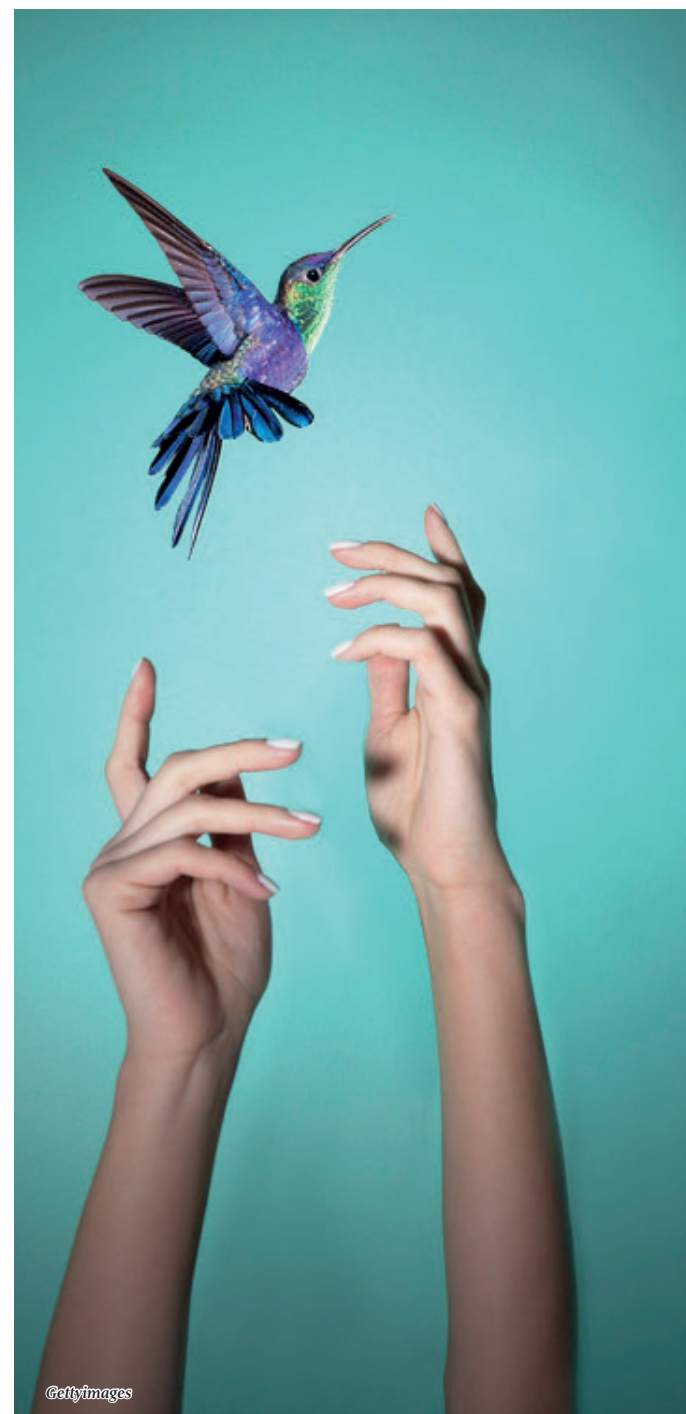
Existem várias formas de ser, e cada indivíduo tem sua singularidade, podendo possuir diversas características em equilíbrio. Até aí, não há necessidade de qualquer cuidado médico. Entretanto, às vezes algumas características da nossa personalidade estão em desequilíbrio, ou seja, são dominantes, excessivamente persistentes e atrapalham nossas emoções, ações, pensamentos e relacionamentos. Aí, sim, isso se torna um problema. Na Psiquiatria, chamamos isso de Transtorno de Personalidade: uma condição do funcionamento da mente que precisa de cuidados médicos. Assim, quando falamos de Transtornos de Personalidade estamos nos referindo a desvios **importantes** do que é considerado habitual na forma de ser e se relacionar do indivíduo e esses desvios causam sofrimento e prejudicam o próprio indivíduo e os mais próximos.

O papel do médico psiquiatra no cuidado com as pessoas portadoras de Transtornos de Personalidade começa com uma avaliação clínica detalhada das queixas atuais, do tempo de duração delas, da história de vida de cada indivíduo e, principalmente, da repercussão que as características da personalidade tem ao longo de todo esse trajeto. Neste ponto, é importante perceber: nos Transtornos de Personalidade nem sempre as queixas vêm dos próprios indivíduos. Cabe ao Psiquiatra também perceber quando isso acontece para convidar outras

pessoas ao ambiente de consulta. Será através dessa investigação cuidadosa que poderemos definir melhor os problemas relacionados à personalidade e também identificar ou excluir a presença de outros transtornos mentais ou clínicos que necessitem cuidados. Por incrível que pareça, até condições médicas podem simular Transtornos de Personalidade.

Outro ponto importante diz respeito à indicação da melhor abordagem psicoterápica e farmacológica para cada Transtorno de Personalidade. Nem sempre a medicação é necessária, e nem sempre todas as abordagens psicoterápicas são úteis. De qualquer modo, como sabemos, o tratamento fundamental para os Transtornos de Personalidade é a psicoterapia. O tipo dela é que é uma questão que depende do tipo de Transtorno de Personalidade. Além disso, em alguns casos nos quais algumas características estão exacerbadas, um tratamento adjuvante medicamentoso pode auxiliar muito enquanto a psicoterapia faz seu efeito primordial. São exemplos destas características passíveis de amenização: a impulsividade, a agressividade, a irritabilidade, a instabilidade, a persecutoriedade e a obsessividade.

Simplificando, Transtornos de Personalidade são problemas muito comuns na prática de clínicas e consultórios dos “profissionais psi”. A avaliação conjunta entre o psicólogo e o psiquiatra é fundamental para um tratamento eficaz e duradouro. O acompanhamento psicoterápico, associado ou não ao tratamento medicamentoso, oferece recursos para se alcançar um maior equilíbrio na forma como sentimos, pensamos e agimos, diminuindo assim o sofrimento do indivíduo que procura ajuda e dos outros que estão ao redor dele.



Maria Cristina Recco
psicóloga junguiana

Rua Néo Alves Martins, 3176, sala 72
Centro - Maringá-PR
(44) 3028.4828 | (44) 8802.1360

Formação de novo Grupo de Estudos de Psicologia Analítica, dentro da obra de Carl Gustav Jung

Primeiro Círculo de Mulheres do Sagrado Feminino

Diversos mini cursos, sendo o primeiro do I Ching (teoria e prática)

Interessados entrar em contato por telefone, WhatsApp ou Facebook.

PSICANALISE EM FOCO



A tecelagem da falta em ser Amor e identificação em Freud e Lacan

CLAUDIO EDUARDO RUBIN

Psicanalista (CRP 08/06214), graduado em Psicologia pela Universidad de Buenos Aires, Especialista em Psicologia Clínica de abordagem Psicanalítica, Mestre e Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Conceitos fundamentais da Psicanálise, O Amor e A Identificação serão os temas abordados pelo psicanalista Claudio Eduardo Rubin, no primeiro semestre em Maringá, no Instituto Paranaense de Psicanálise, Artes e Ciências (InPACI).

Desde as primeiras indagações sobre a etiologia da histeria, Freud introduziu diversas considerações sobre o que veio a ser denominado posteriormente como Identificação (*Identifizierung*). No início das indagações sobre a etiologia da histeria, Freud concebeu o mecanismo da Identificação na formação de sintoma (os problemas da garganta de Dora e sua multiplicidade sobre determinada forma de inconsciente). Posteriormente, na Interpretação dos Sonhos, a Identificação é o mecanismo que facilita a condensação e a representatividade das formações oníricas (na figura de Irma, encontram-se condensadas uma extensa lista de outras mulheres). A partir de Psicologia das Massas e Análise do eu, uma definição canônica foi acunhada: “Ouvimos que a identificação é a mais antiga e original forma de ligação afetiva; nas circunstâncias da formação de sintomas, ou seja, da repressão, e do predomínio dos mecanismos do inconsciente, sucede com frequência que a escolha de objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto. É digno de nota que nessas identificações o Eu às vezes copie a pessoa não amada, outras vezes a amada. Também nos chama a atenção que nos dois casos a identificação seja parcial, altamente limitada, tomando apenas um traço da pessoa-objeto (*Ein Einziger Zug*).”

A questão da Identificação foi um tema presente desde o início também nas elaborações lacanianas como possível de ser conferido em trabalhos como sua tese de doutorado *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932) e *A Família* (1938). Já em *O Estádio do espelho como formador da função do eu* (1949) a Identificação é considerada por Lacan como fenômeno fundante do eu: “Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predeterminação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*.”

Mais adiante no tempo, a referência freudiana ao “*Ein Einziger Zug*”, foi retomada anos mais tarde por Lacan, no *Seminário IX* (1961) dedicado à Identificação,

em que este traço único foi referido por Lacan como sendo o “traço unário”. As considerações lacanianas sobre o “traço unário” estenderam o horizonte das considerações clínicas e teóricas desde então.

Por sua vez, o que tange à Identificação vem a se aproximar com o fenômeno do Amor. Abordado por Freud, inicialmente de maneira organizada nos diferentes *Escritos sobre técnica psicanalítica*, no qual foram distinguidas as duas vias, a da ternura e a da sensualidade, pode ser feita uma conexão em relação à genealogia do fenômeno a partir das elaborações do já citado *Totem e Tabu*, em que o Amor como paixão, surgirá de forma contemporânea ao sentimento de culpa retroativo, o que permite entrever o viés clínico do amor sacrificial (ligado ao sentimento de culpa inconsciente e à ideia de dívida), que envolve a mortificação produzida pelo Supereu, descrita por Freud com mais detalhe em *O Mal Estar na Cultura*.

A ligação entre Identificação e Amor em Freud continuou sendo elaborada de forma abrangente ao longo da obra. Desta maneira, em “*Psicologia da Massas e análise do Eu*”, o capítulo seguinte ao da Identificação foi dedicado ao amor e à hipnose, onde fora retratada a afirmação freudiana do amor pensado nos termos do preenchimento do Ideal do Eu, com suas correspondentes consequências teóricas e clínicas.

A relação entre a operação da Identificação e o fenômeno do Amor tal como Freud o estabeleceu (e ainda, Lacan na sua retomada deste tema), encontra seu embasa-

mento se pensado pela via da transferência, no que Freud denominou “amor de transferência”.

Pelo lado de Lacan, também é extenso o leque de questões sobre o Amor. No *Seminário VIII* (1960-1961), dedicado à transferência, veio a adquirir sua forma mais acabada uma afirmação que já vinha sendo elaborada desde o *Seminário IV*: “amar é dar o que não se tem”. A relação entre o amor e o desejo fica apontada neste trecho do *Seminário VIII*: “*Pois o desejo, em sua raiz e sua essência,*



é o desejo do Outro, e é aqui, falando propriamente, que está a mola do nascimento do amor; se o amor é aquilo que se passa nesse objeto em direção ao qual estendemos a mão pelo nosso próprio desejo e que, no momento em que nosso desejo faz eclodir seu incêndio, nos deixa aparecer, por um instante, essa resposta, essa outra mão que se estende para nós, bem como seu desejo.”

A afirmação lacanianiana “amar é dar o que não se tem” encontrou ainda, sua referência epistemológica por via da antropologia, na leitura que Lacan fizera da teoria do dom exposta por Marcel Mauss e pelo sistema de trocas, fruto do trabalho de Lévi-Strauss.

Rolfing
Brasil
integração estrutural

Rolfing é um sistema de reestruturação corporal e educação do movimento no qual o profissional manipula o tecido conjuntivo que envolve e conecta nossos músculos e ossos (chamado fásia), liberando as tensões existentes em segmentos corporais como pés, pernas, quadris, tórax, pescoço e cabeça, realinhando-os à gravidade.

Com Rolfing o corpo ganha equilíbrio e não precisa gastar tanta energia para realizar movimentos básicos como manter-se em pé ou caminhar.

A sensação de totalidade adquirida com o Rolfing também contribui para a evolução pessoal, na medida em que estimula o autoconhecimento.

José Henrique Bronze Dias
Rolfista Estrutural e Movimento
rolfingmaringa@gmail.com
Maringá (44) 3031-2280 / 9973-3905
Londrina (43) 9617-6600



MARTA DALLA TORRE

Psicanalista (CRP 08/0404), membro fundador do Ato Analítico – Clínica e Transmissão em Psicanálise e da Letra – Associação de Psicanálise, exerce a Clínica Psicanalítica no atendimento a crianças, adolescentes e adultos em consultório e no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil do Município de Maringá.



VALÉRIA CODATO ANTONIO SILVA

Psicanalista (CRP 08/02463), membro fundador do Ato Analítico – Clínica e Transmissão em Psicanálise e da Letra – Associação de Psicanálise, Mestre em Psicologia, Docente de cursos de pós-graduação e Coordenadora Regional de Saúde Mental da 15ª Regional de Saúde de Maringá.

Diante do que é próprio da vida, “seguir a voz do coração”, seria uma escolha verdadeira? Seguir os ímpetus da paixão seria a justificativa dos nossos atos?

Se a linguagem nos caracteriza como humanos, podemos também dizer que aquilo que “nos afeta”, nossas reações emocionais diante dos acontecimentos, daquilo que vivenciamos e experimentamos, também revela nossa humanidade ou a forma como estamos inseridos numa determinada cultura.

Nos escritos metapsicológicos, Freud (1915) descreve que “os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos”. Também afirma que não há sentimentos ou emoções inconscientes, pois é da essência do sentimento ser percebido pela consciência, sendo que o que o sustenta e determina é duvidoso e desconhecido, da ordem do saber insabido do inconsciente. Lacan (1968), sustentado na descoberta freudiana, nos adverte sobre esta “verdade” enganosa dos sentimentos, posto que os sentimentos mentem!

A relação entre afeto e corpo esteve presente no pensamento freudiano e, a partir dos casos de histeria, Freud compreendeu o corpo como lugar onde o afeto se manifesta. A primeira classificação

Os efeitos dos afetos

das neuroses é descrita por Freud como a forma pela qual um sujeito se comporta em relação aos seus afetos, pois, a partir da operação do recalque, as ideias ou representações são mantidas ao modo inconsciente, ao passo que o afeto, agora desligado, pode se ligar a outras ideias ou representações, ou ainda se transformar em angústia.

Para a psicanálise, há uma articulação entre os conceitos de afeto, pulsão e angústia. Trabalhamos com as representações e os afetos, e se a pulsão não aparecesse sob a forma de afeto, nada saberíamos sobre ela. Freud definiu o afeto como representando a pulsão na forma de risos, lágrimas, em tantos outros moldes culturais pré-estabelecidos, mascarando o que é singular e distante do que é o real, que nos habita, nos afastando do sentido da verdade do sujeito.

Amor, ódio, culpa, ciúmes, inveja, tristeza e alegria, são sentimentos próprios de um ser falante, e têm sua origem naquilo que denominamos relações primordiais, cuja presença de um Outro é essencial para que o sujeito seja introduzido no campo do desejo, da demanda e da palavra, capaz de nomear seus sentimentos.

O afeto, nos diz Lacan, é o efeito no corpo de um dizer do discurso, é o produto da voz e do olhar do Outro no corpo do “enfant”. É na falta-em-ser que o “enfant” - aquele que não fala - é afetado pelo discurso do Outro Primordial/mãe, na sua condição de castrado/falta-em-ter, o acolhe, fazendo assim a hipótese do sujeito, deste que ainda não o é. E ao fazer esta hipótese, ele mesmo responde, colhendo do “tesouro significante” da cultura, sentidos e falas que definem e formam o corpo, erogenizando-o, pulsionizando-o. E, apesar de não ser representável, pode se fazer representar pelos significantes, rastro deixado pelo encontro com o discurso do Outro Primordial/mãe.

Esta operação dá um lugar ao “enfant”, uma significação, um sentido, à imagem e semelhança do Outro. Esta é a condição da ex-sistência: nesta apreensão imaginária do outro, no investimento especular que se dá no interior da dialética do narcisismo e do campo das identificações, modelo sobre o qual se instalam todas

as idealizações futuras do sujeito e escolhas objetais.

Se, por um lado, esta demanda primitiva porta alguma coisa de enganadora e ilusória, também preserva o lugar do desejo. Operação que funda a condição de faltante, de falta radical, que relança o desejo, que é garantia de alteridade do Outro Primordial/mãe e do advento do sujeito de desejo inconsciente, engendrando-o na cadeia significante. “De falado a falasser”, na ordem discursiva.

A contribuição de Lacan (1962) consistiu em explicar de forma mais precisa a constituição do desejo de um sujeito: “(...) o afeto que nos solicita consiste sempre em fazer surgir o que o desejo de um sujeito comporta, como consequência universal, isto é, a angústia.”

Com Lacan aprendemos que a angústia é um afeto que não engana, um afeto que, portanto, interessa sobremaneira a experiência psicanalítica servindo como orientação para a direção da cura.

A clínica Lacaniana, longe de pretender disciplinar o destempero da emoção, joga o jogo da linguagem até chegar ao destino do posicionamento do sujeito diante do Outro, assegurando-lhe a possibilidade de ser autor de sua própria história e de aceitar que a compreensão da vida se dá sempre por um excesso que surpreende, provocando o riso ou a dor.



Casa e Escritório

Móveis e Acessórios

contato@casaeescritorio.com

www.casaeescritorio.com.br

Av. XV de Novembro, 1046
Maringá - Paraná - 87013-230
Fone (44) 3305-1800

COTIDIANO

**VALÉRIA C. SANZOVO**

Psicóloga [CRP 08/14450], Mestre em Psicologia e Especialista em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Maringá, Psicóloga do Núcleo de Apoio à Saúde da Família no Município de Maringá e Docente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Cesumar.

Por uma sociedade sem manicômios: algumas palavras sobre o mal-estar em torno da nova coordenação nacional de saúde mental

Por cerca de dois meses, quem acompanha as discussões no âmbito da saúde mental brasileira tem presenciado as manifestações de grupos, organizações e movimentos em defesa da Luta Antimanicomial com relação à nomeação do psiquiatra Valencius Wurch Duarte Filho para a Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas. Enquanto ressoam protestos e palavras de revolta e apreensão por parte de tais grupos, grande parte da população – e, sem dúvida, um contingente de profissionais da saúde – permanecem alheios às preocupações que dão voz aos manifestos.

Teme-se, sobretudo, que a nomeação do psiquiatra represente um retrocesso na atual política de saúde mental, uma vez que Valencius manifestou publicamente sua crítica às bases da Reforma Psiquiátrica (“Médico critica lei que extingue manicômios”, Jornal do Brasil, publicada em 7 de junho de 1995) no período em que ocupou o cargo de diretor-técnico da Casa de Saúde Dr. Eiras (Paracambi, região metropolitana do Rio de Janeiro). Fechada definitivamente em 2012 perante a constatação de graves violações de direitos humanos, a instituição carrega em sua história o rótulo de maior hospital psiquiátrico privado da América Latina.

Nascida em um passado relativamente recente, a atual política que sustenta o modelo de atenção psicossocial é inerente às lutas que visam romper com uma história de violência, opressão, descaso e abandono ao doente mental. História por muitos registrada, mas insuficientemente conhecida, de um modelo de “atenção”

ao doente que, só no Brasil, por décadas, torturou e matou milhares de pessoas.

Bastam minutos percorrendo as páginas de livros como “Holocausto Brasileiro - vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil” (Daniela Arbex), relatórios de visitas aos hospitais psiquiátricos produzidos nas últimas décadas, teses de doutoramento, documentários como “Em nome da razão” (Hervé Ratton) e Stultifera Navis, para nos chocarmos com a dimensão da desgraça e miséria existente dentro dos muros dos manicômios brasileiros.

Tentativa de superação de uma história de tragédias, a atual política de atenção à saúde mental é ancorada na Lei 10216, de abril de 2001, conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica. Contudo, para além das letras da lei, o processo de Reforma Psiquiátrica pressupõe transformações profundas na relação que se estabelece com a loucura e, por conseguinte, com o sujeito em sofrimento. Isto significa construir um outro lugar social para as pessoas em sofrimento mental, até pouco confinadas aos limites dos muros dos manicômios, agora restituídas de seus direitos, cidadania e, sobretudo, sua humanidade.

O projeto atual de atenção psicossocial não está pronto, é construído diariamente nos mais diversos espaços sociais e se pauta em noções fundamentais como autonomia, cidadania, respeito e garantia de direitos. Constitui-se como processo e não como sistema, presume movimento, e movimento nem sempre indica evolução...

E talvez aqui nos valha retomar a conversa iniciada nos primeiros parágrafos deste texto: a partir da ideia de que as formas de cuidar são construídas diariamente, seja na relação entre sujeito e profissional ou no desenvolvimento de novos serviços ou novas legislações, a notícia de que a Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas passa a ser dirigida por alguém que publicamente se coloca contra o processo de Reforma Psiquiátrica torna clara a apreensão e o descontentamento verificado nas manifestações.

Marcado por avanços e retrocessos – como qualquer processo de transformação em que antigo e novo incidem concomitantemente – o movimento de reforma psiquiátrica brasileiro é sustentado por seus atores sociais: sujeitos

em sofrimento mental, familiares, grupos comunitários, entidades e movimentos, profissionais da saúde, gestores... Uma Coordenação Nacional que questiona a reforma, de certo modo ameaça sua legitimidade, seu futuro. É preciso tomar partido, caso contrário assumimos o risco de retroagirmos “ao tempo das trevas”.

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Fernando Pessoa





**LÍVIA BATISTA PEREIRA
LARRANHAGA**

*Psicóloga Clínica [CRP 08/13426],
Especialista em Clínica Psicanalítica
pelo Núcleo de Educação Continuada
do Paraná e Mestranda em Psicologia
pela Universidade Estadual de Maringá.*

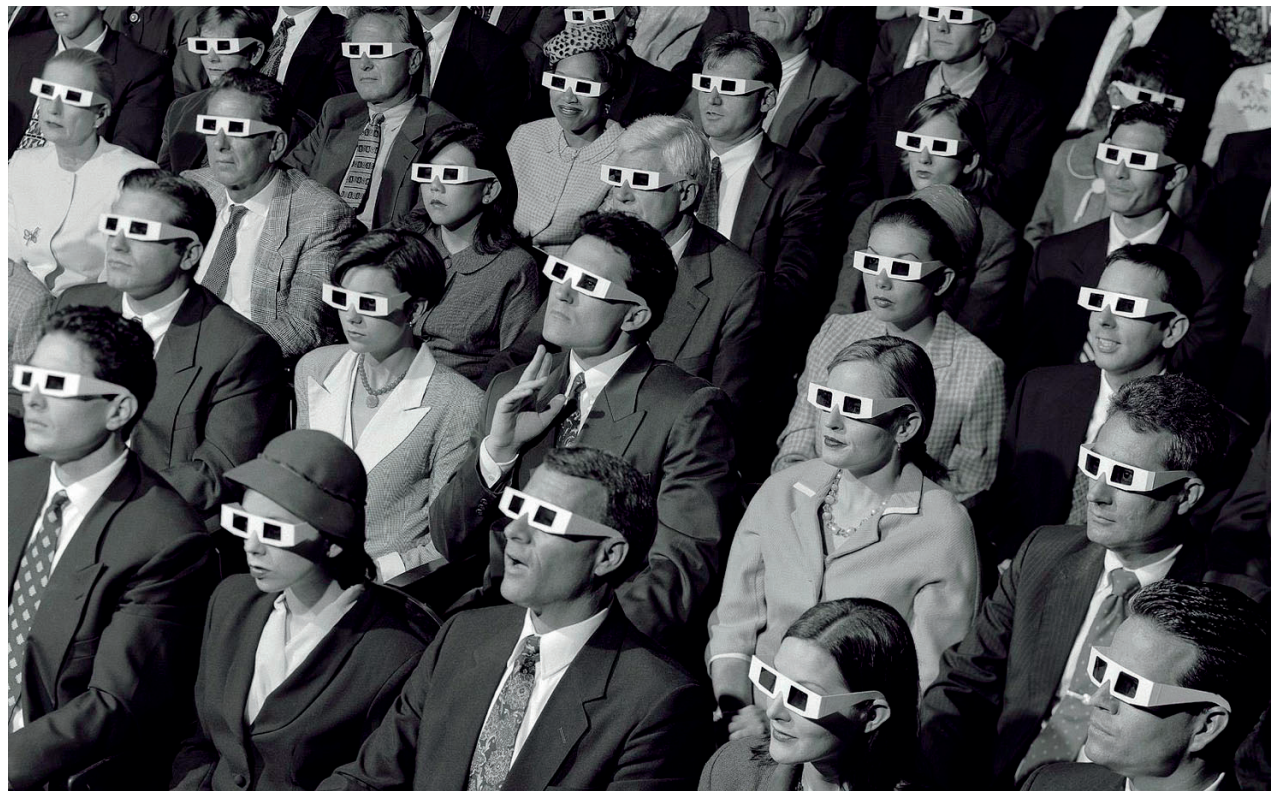
“Uma imagem vale mais do que mil palavras”. Esse ditado muito nos revela a respeito de um mundo que dá pouca importância àquilo que é dito. Ao invés de falar, assistimos. Ao invés de falar, atuamos. Ao invés de falar, engolimos. Assistimos a performance do outro. Atuamos como personagens da própria vida. Engolimos sentimentos diluídos em algumas gotas de Rivotril.

Pode até soar como um clichê, mas onde o sujeito não fala, ele adocece. O problema é que esse adoecimento é legitimado por uma cultura que oferece suporte para que nos expressemos através de imagens e não de palavras. Curtir a foto de um amigo no Facebook é o mesmo que dizer “Que linda foto?” Não sei, mas desconfio que não. Essa desconfiança encontra fundamento numa das frases mais famosas de Guy Debord, quando ele diz que as relações sociais de sua época estavam sendo mediadas por imagens. A esse fenômeno, ele deu o nome de “espetáculo”. Quando ele escreveu isso, em 1967, as redes sociais ainda não existiam. Hoje, elas parecem ser a encarnação do conceito de espetáculo no nosso cotidiano. Os grandes pensadores têm essa habilidade de prever o futuro através do empirismo, da observação e não do misticismo. E, normalmente, eles fazem isso por meio de palavras e não de imagens.

O espetáculo pode ser observado não só no Facebook, motivo pelo qual, Guy Debord utilizou a expressão “sociedade do espetáculo” para descrever o contexto histórico que vivemos, ou seja, ele ampliou o espetáculo para todas as esferas da vida em sociedade. Dessa forma, gostaria de voltar a minha atenção para algo que eu vou chamar de “gourmetização da vida”. Fico impressionada com o número de programas de culinária, ou melhor, de gastronomia que são veiculados na televisão aberta e fechada.

Confesso que aprecio alguns deles, principalmente aqueles que utilizam ingredientes que podemos encontrar no supermercado da esquina da nossa casa. Já os programas mais sofisticados talvez sirvam apenas para nos mostrar quão pobre é o nosso repertório gas-

Vida gourmet



tronômico e como seríamos muito mais felizes se tivéssemos acesso às trufas negras da Provence.

Transformar o comum em algo espetacular talvez seja a essência disso que chamo de “gourmetização da vida”. Às vezes, eu brinco que daqui uns dias não iremos mais almoçar um prato de arroz e feijão, mas sim um blend de grãos com redução de caldo.

Saindo um pouco do terreno da gastronomia, a gourmetização invadiu também o nosso cotidiano com a transformação das nossas próprias vidas num espetáculo digno de aplausos, quer dizer curtidas, e compartilhamentos. O que tem levado o homem a uma tentativa de transformação da vida comum em algo espetacular? Pensando que o espetáculo é uma relação que temos uns com os outros mediada pelas imagens e não pelas pala-

avras, fica fácil entender porque a publicação de fotos da própria vida se tornou algo tão corriqueiro. Publicar uma foto da última viagem poupa o sujeito de dizer como ela foi. Às vezes, as pessoas no Facebook postam tantas fotos de tudo que lhes acontece que quando você se encontra para conversar com elas, o assunto já se esgotou. A narração da própria vida se dá pelas imagens muito bem filtradas, cortadas e “instagramadas”. Nesse jogo, existem apenas dois lugares: espectadores e exibicionistas que se revezam e se complementam, pois o espectador da “felicidade” alheia não se contenta em ocupar apenas esse lugar. Ele também precisa subir no palco para se apresentar. E assim vamos nos relacionando por meio de imagens falsas de nós mesmos, histórias filtradas e sentimentos diluídos em algumas gotinhas de Rivotril.



**Dr. Cleto
Rocha Pombo Fº**
médico-psiquiatra-psicoterapeuta
CRM 19276

Av. Tiradentes, 1081
Centro Vascular João Belczak

44 3225-4965

Maringá - PR

Especialista em Psicoterapia USP-SP



**Chierrito
Feltros**

ARTIGOS ARTESANAIS

(44)9889 6353

Pondere nestas hoje vivo em

Os programas de culinária estão ganhando espaço na televisão e nas redes sociais do Brasil. Com toques únicos da nossa vasta cozinha nacional e chefes carismáticos, diversas pessoas se aventuram na cozinha: novatos, donas de casa, profissionais de gastronomia e amadores, revigoram-se ao mesclar os alimentos, temperos e molhos em prol de um prato único. A singularidade de servir um alimento nestas nuances é de satisfazer qualquer paladar, uma vez que transcende o sabor cotidiano. Mas o que a culinária tem em relação com a proposta deste texto?

A alegria é uma emoção revigorante, assim como o prazer de saborear uma refeição à mesa. No entanto, é inevitável, em certas circunstâncias, o encontro com a tristeza. Nesse dessabor, próprio de alimentos mal temperados, a sensação de que falta algo é reconhecida, não que seu preparo seja descuidado, mas assemelha-se a experiência de passar uma tarde de domingo, possivelmente perto das quatro horas de tarde, em que um tédio repentino invade a sala de estar e a vontade de não estar ali é ímpar. Não é por vã constatação acrescentar que o alimento é

crucial para o sujeito humano em seu processo civilizatório, não apenas físico, mas no compartilhar à mesa, na comensalidade, no recitar de histórias, na proposta de novas aventuras ou no alívio do prelúdio de um dia de sabores.

Ao introjetar essas particularidades à mesa, a nível psíquico, os processos simbólicos passam a se organizar, em soma àquilo que já está construído. Este movimento de “colocar para dentro” é o ponto-chave para a compreensão de um alimento inovador ou uma expressão do sentir de seu colega à mesa, gerando a empatia. Um movimento rico que o psiquismo alcançou ao longo dos tempos, os povos primitivos utilizavam de um meio interessante para comunicar sua emoção: gritos, manias, condutas específicas ou gestos exagerados, independente da emoção vivenciada, a intenção era nobre; proporcionar ao próximo a experiência da força emocional que vive em sua mente (Wundt; Freixo, 2013).

É instrumental a significação para lidar com o desconhecido, as coisas ganham mais valor quando a experiência é vivida autenticamente. Todavia, buscamos bravamente como lidar com as emoções por meio de manuais para

uma vida segura e formas de conduta regulares (popularmente divulgados e vendidos nas livrarias). Essas questões não foram originalmente elaboradas pela mente moderna, mas, sim, encucadas por nossos ancestrais. Os povos antigos não pensam de maneira diferente de nós. A função psíquica é a mesma, porém os postulados são diferentes (Jung, 2013).

Somos dependentes de nossas emoções tal quanto os povos primitivos. Os autores Martins, Silva e Mutarelli (2008) apresentam, a partir de diversas obras, a “Teoria dos Humores”, considerada a teoria clássica sobre as emoções. O primeiro registro de um estudo foi elaborado por Galeno (129-199) nos escritos Corpus Hipocraticum e trazia em sua constituição a palavra “humor”, derivada do greco-romano “fluido”.

A partir de um conceito simples, a pessoa que estava feliz, possuía humor. Progredindo a sua proposta, Galeno apresenta as emoções como resultados de líquidos concentrado em diversas regiões do corpo, alegria, tristeza, raiva e o medo encontram-se em partes distintas e são percebidas a partir da falta ou excesso deste líquido. Posteriormente, a concepção foi sistematizada,



EDUARDO CHIERRITO
*Graduado em Psicologia e
Mestrando em Tecnologias
Limpas pelo Centro Universitário
Cesumar e membro do Instituto
Psicologia em Foco.*



**ARIADNE SANTOS DE
MEDEIROS**
*Acadêmica do 4º ano
de Psicologia no Centro
Universitário Cesumar.*

te tempero, dessabor só

e nosso corpo passou a apresentar os fluidos sangue, fleuma, bilis negra e bilis amarela, que representavam respectivamente a raiva, a apatia, a melancolia e a cólera.

Essencialmente tais elementos devem estar ordenados e equilibrados no organismo, assim os tratados médicos utilizavam estes conceitos para traçar aspectos da personalidade, com o termo “temperamento”. O indivíduo que se apresenta raivoso em seu dia-a-dia, ou dotado de coragem, possui o temperamento colérico, por exemplo. Esta classificação tem por base os fluidos, as interferências climáticas e fisiológicas (Martins; Silva; Mutarelli, 2008). A herança deste modelo é eminente, contatada desde a utilização de determinados conceitos no cotidiano, até teorias que utilizam essa base como proposta de intervenção.

É fato que todos buscam antecipar os possíveis riscos na vida e ao se considerar a expressão emocional não é diferente: errar a quantidade de sal é um risco diário. A moderação emocional e o autoconhecimento, derivado deste intuito, conduzem o humano para a promoção da qualidade de saúde mental. Porém, existem situações que exigem além do esperado. É impossível tratar a vida como um evento ordinário. Carl G. Jung (2013) aponta que causalidade é um dogma do pensamento moderno, tudo o que

ocorre fora da ordem é chamado de acaso e possui repugnância. Não se nega a causalidade, mas ao considerar essa uma única partida sem analisar aquilo que não é produto, ou aparentemente não possui explicação, é subtrair a experiência humana. Afinal, os pontos de desequilíbrio acontecem fora da previsibilidade, incansavelmente busca-se uma posição emocional privilegiada em que não há espaço para a expressão emocional autêntica.

O expoente sociólogo da contemporaneidade Zygmunt Bauman (2008) explicita a necessidade constante da felicidade por meio de uma análise da sociedade de consumo. Onde os consumidores são as próprias mercadorias e devem ser vendáveis, não se vende o que é dito socialmente como “ruim”. No entanto, na esfera da psique não se pode negar a experiência (e como dizia Jung, “aquilo que você resiste, persiste”). Não há espaço para as emoções neste século, ou não há espaço para nada além daquilo que é aparentemente rentável? O dissabor sem causa, a inquietude de insônias, a tentativa de viver a felicidade em êxtase constante e outras vivências podem ser reflexos do movimento unilateral que se vive hoje.

A partir da exposição da teoria dos fluidos, os autores ainda apontam as maneiras de tratamento

para o desequilíbrio emocional constituído de dietas e atividades físicas. Atualmente a busca por auxílio profissional é experimentada na figura do analista; esse possui diversas perspectivas e conhecimento técnico para auxiliar na regulação emocional. A presentificação é uma proposta de ampliar a consciência apresentada por Jung: conduz o indivíduo para a autonomia, não antes experimentada por permanecer inconsciente, e não participante ativa de sua própria experiência. A técnica de presentificação é um meio para dar atenção ao self (eu) no conturbado cotidiano, ocupando o psiquismo, não apenas com as tarefas exteriores, mas também com as ações simbólicas interiores (Von-Franz, 2008).

Via de regra, precisamos ponderar e aprender a sinalizar estas emoções para que o próximo as compreenda. Todas as emoções possuem em sua essência um significado particular, atrelado à história de vida e à vibração de cada experiência. A natureza em seu âmago é constante, as emoções nos ensinam a viver em uma linha agridoce, no mesclar de essências e temperos, a fim de um resultado surpreendente: o desenvolvimento pessoal e a promoção de saúde mental. A tristeza, a alegria, a raiva, o medo e o afeto são pontes de descoberta. Saboreie.

AMBIENTAL

**RUTE GROSSI MILANI**

Psicóloga (CRP 08/05806), Especialista em Saúde Coletiva, Mestre e Doutora em Saúde Mental pela USP, atua como Psicóloga Clínica e Docente do curso de Psicologia e dos Programas de Mestrado em Promoção da Saúde e Tecnologias Limpas pelo Centro Universitário Cesumar.

**EDUARDO CHIERRITO**

Graduado em Psicologia e Mestrando em Tecnologias Limpas pelo Centro Universitário Cesumar e membro do Instituto Psicologia em Foco.

A infância sustentável: engendrando um comportamento pró-ambiental

nesse contexto de adversidade? O que ela teria a nos dizer? O consumo elevado do dia-dia, silencioso e banal, conseqüente de um descarte descabido destoa perante as notícias de tragédias.

O principal desafio para a ação sustentável é a mudança de comportamento humano. A psicologia ambiental, como uma ciência emergente das crises de convivência entre o homem e o meio ambiente, atua através de uma análise do comportamento humano e suas transformações no ambiente e como este é influenciado pelo mesmo, outrora modificado e (re)criado por ele mesmo (MOSER, 1998).

Existem diversos meios pelos quais a psicologia ambiental vem contribuindo com ações e embasamento teórico para outros campos de saber e para a psicologia. Uma dessas práticas são os processos de aprendizagem com ênfase em educação ambiental. Estas práticas possuem por princípios gerais, segundo Effting (2007): a Sensibilização: tomar para si o estado de alerta quanto ao pensamento sistêmico que engloba a relação homem e ambiente; a Compreensão: conhecimento daquilo que fundamenta os sistemas ambientais; a Responsabilidade: consiste em admitir-se como o principal agente de transformação ambiental; a Competência: dada a capacidade de ação e pensar sobre a dualidade existente entre homem e ambiente e a cidadania que é a participação ética e ativa para enlaçar de maneira sustentável ambiente e as atitudes humanas.

Esses princípios, quando adequadamente abordados na educação escolar, tendem a resultar em crianças questionadoras a respeito das atitudes ambientais, o que pode incomodar seus pais que ainda não assimilaram os valores da sociedade sustentável. Serão aquelas que irão reclamar o motivo pelo qual o lixo não está separado, ou que uma vassoura é mais eficaz para limpar a calçada do que litros e litros de água. A infância é um período essencial para que a educação ambiental seja proporcionada e, aliada às contribuições da psicologia ambiental, ampliará suas possibilidades de sensibilizar as crianças para a convivência harmoniosa com a biosfera (EFFTING, 2007).

Recentemente em uma feira de livros infantis, entre diversos títulos distintos dos clássicos “Branca de Neve”, “Três porquinhos” ou “Pinóquio” aos livros de aventura e terror, destacavam títulos que priorizavam o Planeta Terra, a reciclagem, a economia de água, entre outros temas ambientais. Uma das características mais importantes é que estes livros não estavam distribuídos de qualquer forma, mas em um dos corredores principais, no centro de um shopping center. Já é de senso comum que as crianças são o futuro da humanidade, olhando estas iniciativas, espera-se em futuro breve, graças a estes pequenos atos ordinários, um revés do quadro ambiental atual. Cidadãos que demandem atitudes governamentais, que façam do seu dia-a-dia uma experiência de mudança concreta.

Janeiro e fevereiro são caracterizados como “épocas de cheia” em que a chuva traz consigo inundações, como um alerta da mãe natureza. O lixo urbano exacerbado resulta em doenças infectocontagiosas, em que as crianças, os jovens, os adultos ou os idosos que transitam nas calçadas ficam expostos, esses experimentam problemas ambientais que anunciam as manchetes dos telejornais, nas revistas ou na internet. Cotidiano que percorre, a modelo do nosso lixo nas calçadas, do ordinário para o extraordinário em questão de segundos. Imersa nestes ambientes como será que a criança se percebe



www.essentia.med.br

PODE SER MAIS QUE “SÓ UMA FASE”

Agressividade, irritação, medos, xixi na cama, dificuldades em dormir ou comer, choro fácil, apatia, são muitas vezes a forma de manifestar que algo lhe está a causar sofrimento, **crianças e adolescentes** também sentem. **Consulte um profissional.**

Dr. Felipe Pinheiro de Figueiredo
CRM 31928 | RQE 17308/17215
Av. Tiradentes, 1.008 | Sl. 1604 | Maringá - PR
contato@essentia.med.br | 44 3346-9222



essentia
Clínica de Psiquiatria

CONEXÕES



As emoções e a vontade de vencer

LEONARDO PESTILLO DE OLIVEIRA

Psicólogo e Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá, Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Cesumar.

A prática esportiva tem atraído cada vez mais adeptos nos últimos anos, principalmente quando relacionada à qualidade de vida. No entanto, a prática profissional ainda oferece muitos atrativos e telespectadores. Não por acaso, os atletas profissionais sempre se reportam aos torcedores como responsáveis por incentivar um bom rendimento esportivo e, quando os torcedores não estão presentes, é como se não tivesse “graça”. Quando equipes de futebol são punidas e obrigadas a jogar sem torcida, os atletas relatam que a emoção não é a mesma, dando preferência aos jogos com torcida, nem que seja contra.

No entanto, os relacionamentos interpessoais no contexto esportivo são permeados por conflitos, muitas vezes chamados, no esporte, de “traíragem” entre os atletas. Os problemas de relacionamento sempre existiram, e continuarão existindo, pois é um ambiente competitivo ao extremo, mesmo dentro de uma mesma equipe, o que muitas vezes leva os atletas a se preocuparem muito mais com seus interesses pessoais do que os interesses da equipe. Se estes conflitos não forem administrados e resolvidos, as dificuldades podem aumentar e interferir negativamente no clima da equipe, em que problemas pessoais podem se estender para dentro do contexto esportivo, atrapalhando o rendimento dos atletas.

Não dá para separar a vida pessoal da vida profissional e, por mais que se tente, pessoal e profissional exercem uma relação mútua. A tensão da equipe pode levar à diminuição da alegria dos atletas, da vontade de treinar, de com-

petir, ou seja, todo o sistema acaba sendo afetado, e aquilo que era realizado com prazer e dedicação se torna um sacrifício diário, sem emoção, sem prazer. Dá para imaginar o contexto esportivo sem emoção? Quase impossível. Mas muitos são os problemas que podem levar um atleta a entrar em um processo de perda do prazer em ser competitivo, sejam problemas pessoais, sejam problemas oriundos do próprio contexto esportivo. Os problemas sempre existirão, e o atleta precisa aprender a conviver com os desafios e a superação das dificuldades, só com esta capacidade de resiliência é que sua atividade continuará sendo prazerosa, no sentido da busca constante de objetivos, que se renovam a cada nova vitória, a cada nova derrota, a cada novo desafio.



Empatia: o que há do outro em mim

JOSÉ V. GRIGOLETO NETTO

Acadêmico do 5º ano de Psicologia na Faculdade Ingá e membro do Instituto Psicologia em Foco.

Acredito que em algum momento de nossa vida já nos flagramos dizendo algumas, quicâ todas, das seguintes frases:

- 1) *eu sei o que você está sentindo;*
- 2) *já passei por isso e sei que é complicado;*
- 3) *imagino como seja.*

Imaginar que conhecemos e já sabemos como o outro se sente apenas pelo fato de supormos já termos vivenciado a mesma situação em algum momento de nossas vidas é, ao mesmo tempo, perigoso e importante. Perigoso porque podemos passar a medir se aquilo que o outro está vivenciando (uma alegria, uma tristeza, um sofrimento) realmente é necessário e/ou digno de ser sentido, em que corremos o risco de não validar a emoção do outro, caso aquilo não nos afete; importante porque estamos vivenciando uma situação de empatia.

Saber escutar e acolher são duas características essenciais da empatia. As emoções e sentimentos que os outros sentem e buscam compartilhar conosco devem ser acolhidos e ouvidos; colocar-se no lugar deste sujeito, sair de nossa zona de conforto e ver o mundo com outros olhos pode nos ajudar

a ver além. O dicionário online Michaelis define a empatia como um estado em que uma pessoa passa a se identificar com a outra, crendo sentir aquilo que o outro está sentindo, a mesma emoção.

De acordo com Roman Krznaric no livro *O poder da empatia* (2015), empatia vai além da ideia de ser um sentimento de pena e lástima por alguém: é um momento de buscar e descobrir o que há de diferente no outro, o que foge de nossas vivências e compreensões, passando a imaginar e compreender determinados fatos a partir de um ponto de vista diferente do habitual para nós, sendo ela capaz de realizar uma revolução nas relações humanas, tão fragilizadas nos dias de hoje.

Assim, ser empático é um processo que pode ser construído ao longo de nossas vidas, e que não nasce, necessariamente, embutido em nossa constituição enquanto sujeitos. Conseguir olhar para o outro, transcender-se além de si, é uma atividade que exige esforço, comprometimento, desejo de compreender o outro e, também, força de vontade.



Uma das justificativas é o fato de os atletas de rendimento fazerem da prática esportiva a principal da vida, o seu trabalho, o seu ganha pão. Trabalham duro, se dedicam, sofrem, se divertem, vencem, são derrotados, vivem cada dia uma história diferente, situações inesperadas, que necessitam de controle emocional constante. Vencer ou perder faz parte do seu cotidiano, e o atleta deve aprender a conviver com as frustrações; não existem meios de vencer sempre, e é preciso reconhecer isso; e mais importante que saber: é preciso se preparar. Isso não significa conviver com incertezas, significa conviver com desafios, com as alterações emocionais e a constante reformulação de objetivos, que são responsáveis pelo movimento dos atletas em sempre querer mais.



PUCPR
Câmpus Maringá

GRUPO MARISTA

EXISTENCIAL HUMANISTA

**RODRIGO GONÇALVES CORRÊA**

Psicólogo Clínico (CRP 08/21130)
e Mestrando em Psicologia pela
Universidade Estadual de Maringá.

Sobre o sentido das emoções

Emocionar-se é transformar o sentido do mundo. Essa transformação, se atentarmos a ela, será reveladora de nossas intenções em um grau muito específico e frequentemente ignorado.

Mas tal como a fé, as emoções são um fenômeno de crença e da força dessa crença extraem toda a sua realidade.

Vejamos como essas premissas podem nos ajudar a atribuir significado àquilo que sentimos.

Quando nos emocionamos, nossa consciência se modifica e passa a captar as coisas do mundo através de um novo sentido. Mas, normalmente, não refletimos sobre esse estado emocional no momento mesmo em que o experienciamos. Se nos estressamos em uma situação de trabalho, por

exemplo, o que percebemos é a dificuldade de uma tarefa ou a convivência com alguém excessivamente desagradável. Qualquer que seja a situação diante da qual nos estressamos, temos a nítida impressão de que nosso estresse foi causado por essa situação. Passamos a enxergar na tarefa a ser realizada ou na pessoa com quem teremos que realizá-la, o poder mágico de degradar nosso estado afetivo. Da mesma forma, quando nos alegramos diante de alguém, temos a intuição de que essa pessoa concentra em seu íntimo a nossa felicidade, contido ainda em estado de potência, e que a sua ausência nos privaria da própria possibilidade de ser feliz.

Porém, vejamos com cuidado, admitir que essa seja a natureza das emoções nos obrigaria a consentir que nossos estados afetivos se encontrariam retidos fora de nós no momento mesmo em que os experienciamos preenchendo-nos todo o corpo. Dessa forma, nos colocariamos passivamente diante de nossa própria afetividade, como se as emoções fossem de natureza involuntária e não nos restasse nada a fazer, senão, sofrê-las.

Eis o momento em que nos preparamos para encarar o ponto mais denso da questão que viemos tratar e, por isso mesmo, seja pela complexidade do assunto ou pela inabilidade de quem escreve, é recomendado ao leitor reforçar a atenção, pois, quanto mais concentrado, mais contundente tende a ser o impacto.

É inegável que as emoções são desencadeadas pela percepção. Isso significa que é pelos sentidos que somos afetados pelo mundo. É diante dos objetos, situações e pessoas que as emoções nascem e se nutrem em nós. Porém, convém reintegrar aqui o que foi dito a princípio: as emoções são uma forma de transformar o sentido do mundo. Essa transformação é intencional e alimentada pela crença de sua realidade.

Assim a forma como apreendemos as situações, objetos e pessoas a nossa volta é orientada pela própria intenção com a qual nos lançamos sobre essas situações, objetos e pessoas. Eis o meio como estamos implicados na forma como o mundo nos afeta: se me entristeço profundamente diante

de uma grande decepção, todo o meu corpo parece reduzido em forças. Incapacitado de qualquer ato. Utilizo o que me resta da vontade num esforço de isolamento autofágico, consumido pela mesma decepção que nutre o meu estado. Minha tristeza é legítima. Por ela o mundo se transforma e passa a ser percebido por mim através de uma máscara de tédio. Passo a agir como se nada valesse a pena e a negar o valor de todas as minhas importâncias. Meu corpo esvaziado de ânimo me convence da veracidade dessa crença: nada vale. A intenção e o sentido de minha tristeza estão revelados: ao negar o valor do mundo, tento negar a importância do golpe que sofri na decepção que desencadeou essa tristeza. Nego assim, qualquer ação em que poderia me engajar para superar esse fardo. Ineficaz, pois dessa forma, toda minha conduta me une à decepção que visio evitar. Ao me atacar, a tristeza se convida a ser minha serva, minha cúmplice. Eu a aceito. Negá-la, seria aceitar a responsabilidade de que posso superá-la, ressignificando-a em uma nova conduta. Fardo pesado.

O novo nos dá sempre a possibilidade de ganhos e perdas, mas para quem se encontra já entristecido, as perdas parecem sempre ser uma possibilidade mais provável que os ganhos. O temor reprime a esperança. Por sua vez, a razão do temor, ou seja, a crença que o alimenta, revela meu projeto imediato: o temor reduz meu leque de possibilidades, me limita em relação ao futuro, restringe minha liberdade, me livra da angústia de enfrentar novas possibilidades. Por fim, nesse caso, minha conduta alimenta minha tristeza para me salvar da angústia. Pela tristeza, percebo o mundo mais desagradável, menos atraente. Por minha conduta, tento confirmar esse significado que minha consciência emocionada lhe atribuiu. Se fortaleço minha convicção de que minha tristeza é um aspecto sólido do mundo, pouco me resta a fazer, senão, sofrê-la; me liberto da minha responsabilidade com minha própria alegria.

Mas este é só um exemplo, não há espaço para outros.

As emoções são sofridas e disso não há dúvida. Porém, e é esse o ponto central aqui, a conduta que adotamos enquanto emocionados nos revela ao mesmo tempo a intenção e o sentido desse estado afetivo.

As emoções são significativas e significar é indicar uma outra coisa.

No significado encontramos a intenção. A intenção nos revela o sentido.



Shutterstock



LUANA RAMOS ROCHA

Acadêmica do 3º ano de Psicologia na Universidade Estadual de Maringá e membro do Instituto Psicologia em Foco.

Gestalt e psicoterapia de curta duração

O ser humano vive em constante relação, com o mundo e com outras pessoas. De acordo com Pinto (2009), tudo que envolve os exercícios gestálticos gira em torno do encontro das pessoas que participam da relação, ou seja, terapeuta e cliente. A Gestalt-terapia trata-se, portanto, de uma terapia relacional e, também, dialógica.

A psicoterapia de curta duração busca dar ao cliente a oportunidade de experimentar uma situação causadora de dor e angústia e conseguir reorganizar e renovar as vivências dessa situação; segundo Pinto (2009), normalmente conteúdos de aceitação e confiabilidade.

O nome “psicoterapia breve” traz a errônea ideia de que o atributo principal desta psicoterapia é a delimitação de tempo, determinada anteriormente. A duração é, sim, breve. Entretanto, não é isto o que a distingue das outras psicoterapias. O ponto chave são os objetivos delimitados. O mesmo autor afirma que foi Jorge Ponciano Ribeiro, em 1999, que definiu a Gestalt-terapia de curta duração: um procedimento, em que estão incluídos terapeuta e cliente, com intento de solucionar rapidamente situações vistas como problemáticas por este. Utiliza-se de todos os recursos que o cliente possui, para que, o mais breve possível, ele possa gerir sua vida e sentir-se “adequado” com isso.

Na Gestalt-terapia, como um trabalho humanista, há o predomínio da situação terapêutica; dessa forma, pode aparentar insólito um planejamento da psicoterapia (Pinto, 2009). Nesse tipo de terapia – a de curta duração – é imprescindível que exista certo planejamento do trabalho para que se possa atender a demanda dentro do tempo disponível à terapia e aos desígnios que se espera atingir. É essencial ter em mente que esse planejo da psicoterapia de curta duração é feito em conjunto, terapeuta e cliente, em prol do êxito do trabalho psicoterapêutico, além de também lembrar que o planejamento é uma linha de ação que será vista como moldável e não uma norma.

O intuito da Gestalt-terapia de curta duração é o mesmo da terapia de longa duração, entretanto mais simples/reduzido. Pinto (2009, p. 56) expõe que “se em um trabalho longo o propósito é acompanhar o cliente em mudanças em sua personalidade, aqui o trabalho é acompanhar o cliente em algumas mudanças em sua personalidade; [...] se em um trabalho de longa duração o propósito é curar o cliente, aqui o propósito é curar alguns sintomas”. De forma geral, no que se alude aos intentos da psicoterapia de curta duração, fala-se de alguns intentos específicos, como a reconquista do equilíbrio pré-existente, a ultrapassagem de crise recente, a superação de sintomas, a propiciação de mudanças, o aprimoramento o diálogo eu-mim (auto-observação melhorada) e, consequentemente, o aumento do campo de consciência.

No que se refere ao diagnóstico, é um anunciador de caminhos, um mapa, que se mostra fundamental na Gestalt-

terapia de curta duração, uma vez que não é exequível um trabalho terapêutico com a ausência de um entendimento diagnóstico que dará orientação. Para o entendimento diagnóstico deve-se ter por base quatro pontos: o estilo de personalidade que sustenta a queixa/sintoma (fundo); a dor, a queixa, o sintoma em si (figura); a situação terapêutica; o campo existencial em que o cliente se encontra (Pinto, 2009). A partir desses quatro pontos é possível uma compreensão diagnóstica e, assim, definir o foco da psicoterapia de curta duração.

Há quem diga que existem delimitações quanto a quem pode usufruir do trabalho de curta duração e aos quadros clínicos que podem ser atendidos, todavia, segundo o mesmo autor, não existem especificidades, já que a psicoterapia de curta duração pode ser benéfica para qualquer pessoa e qualquer caso clínico. Diante disso, tudo se encontra vinculado ao objetivo da terapia.



Fabiano Prado
9909-9222

Thiago Calixto
9154-1496

Junior
9945-5466

Elizeu Aragão
9881-9713



COMPORTAMENTAL



As emoções em uma perspectiva comportamentalista radical

CHRISTIAN REIS

Acadêmico do 4º ano de Psicologia na Universidade Estadual de Maringá e membro do Instituto Psicologia em Foco.

As emoções fazem parte do vasto campo de conhecimento contemplado pela Psicologia. Com frequência, leigos e estudiosos se debruçam sobre o tema e, enquanto uns saciam sua curiosidade, outros produzem conhecimento com o intuito de ampliar os horizontes de compreensão do fenômeno psicológico. No entanto, assim como existem diferentes teorias que embasam a prática e o entendimento do saber psicológico, há também diferentes compreensões acerca do que são as emoções.

O comportamentalismo radical, doutrina cujo principal expoente é B. F. Skinner (1904-1990), procura lançar luz sobre as emoções utilizando-se de outros holofotes, diferentes daqueles utilizados pelas abordagens tradicionais. Para se compreender o entendimento skinneriano acerca das emoções é preciso, primeiro, entender que o autor procura estudar o indivíduo sempre em relação com o mundo. Isso quer dizer que, para Skinner, é essencial que o exame dos seres humanos esteja atrelado à um olhar cuidadoso do ambiente em que se encontram. Outro conceito importante na análise das emoções a partir desta perspectiva é o conceito de comportamento operante: este, segundo Skinner, representaria a capacidade humana de operar mudanças no mundo ao seu redor. Mas o que isso quer dizer? Quando se fala em comportamento operante, na verdade está se falando em uma relação indissociável do indivíduo com o mundo. Já dizia Skinner: “Homens agem sobre o mundo, modificam-no e são, por sua vez, modificados pelas consequências de suas ações” (SKINNER, 1957, p. 1). Em outras palavras, não há causas internas ou externas para que comportamentos ocorram. O que há é a relação entre indivíduo e mundo e, nesta relação, probabilidades de ação.

A filosofia comportamentalista radical não interpreta as emoções, portanto, como causas de comportamentos. Um bom exemplo disso é dizer que me comporto de modo afetivo ou agressivo por que estou, respectivamente, apaixonado ou enfurecido. Dizer isto seria romper com a relação inseparável entre indivíduo e mundo, afirmando que o modo como ajo independe de minha posição em um contexto. Façamos um exercício: é fácil se imaginar com raiva, ou com ansiedade, e perceber-se agindo em função de tais sentimentos; no entanto, Skinner (1953) afirma que explicar o modo como se age tomando sentimentos como causa é um equívoco: “Dizer que aspectos do comportamento humano se devem a frustração ou ansiedade não ajuda na solução de problemas práticos; nós precisamos também esclarecer como a frustração e a ansiedade foram induzidas e como podem ser alteradas.” (SKINNER, 1953, p. 167).

Parece, então, que em uma perspectiva analítico comportamental, tomar emoções como explicação para comportamentos não nos leva muito longe na iluminação das razões pelas quais pessoas se comportam de tais maneiras, uma vez que as emoções (não mais entendidas como causas dos comportamentos) precisam ser, também, explicadas. Aí está a necessidade de se entender o comportamentalismo radical skinneriano como uma filosofia que compreende o ser humano

em relação com o mundo a sua volta. Neste sentido, emoções, para Skinner, podem ser entendidas como predisposições a agir de determinada maneira, ou seja, probabilidades de ação. É preciso olhar para o ambiente que cerca o indivíduo para entender por que ele ou ela se comporta deste ou daquele modo.

Skinner explica que: “O homem “bravo” mostra uma probabilidade crescente de atacar, insultar, ou infligir dano de alguma outra maneira, e uma baixa probabilidade de prestar socorro, dar conforto ou amor. O homem “apaixonado” mostra grande tendência a ajudar, estar presente, e dar carinho e uma baixa tendência a provocar danos de qualquer tipo.” (SKINNER, 1953, p. 162). Em outras palavras, o que chamamos de emoção serve para classificar comportamentos que dizem respeito a várias circunstâncias que afetam suas probabilidades de ocorrência (SKINNER, 1953).

O universo das emoções é vasto e intrigante, e seu estudo ainda provoca questionamentos e inquietações sobre a vida cotidiana. Estejamos mais sensíveis aos ambientes que nos cercam, para que possamos lidar melhor com todas as facetas do mundo que nos emociona. Comportemo-nos!



INTEGRAÇÃO

Psicologia & Desenvolvimento de Pessoas

44 9985 - 9839

**VERMELHO
PANDA**
design

**Design e estratégia na
construção de experiências e
transformação de marcas.**

44 3034.9146

www.vermelhopanda.com



A sombra do vampiro

CIBELE CHACON

Jornalista e crítica de cinema, membro da Sociedade Brasileira de Blogueiros Cinéfilos e Pós-graduada em Linguagem Audiovisual e Cinema.

M - O Vampiro de Dusseldorf é o primeiro filme sonoro de Fritz Lang, realizado em 1931 e considerado sua maior obra-prima, ainda que, cinco anos antes, ele tenha dirigido outro marco do expressionismo alemão chamado **Metrópolis**. O longa se passa no final da década de 1920, quando um assassino serial de crianças aterroriza uma cidade inteira. A polícia e a população ficam em polvorosas e saem à caça do infanticida, deixando as ruas repletas de medo e desconfiança, atrapalhando, inclusive, as atividades do submundo do crime.

A fotografia em preto e branco deixa o ambiente extremamente assustador, e a construção da tensão acontece mais pela sugestão do que pela imagem. **M** é um dos primeiros filmes policiais que trata da captura e investigação de assassino serial e, por isso, serviu de grande inspiração para os filmes *noir* que vieram na sequência. Destaca-se também, o uso de planos detalhe, ou seja, o enquadramento de objetos, induzindo que

o espectador conclua sozinho o que aconteceu. Uma cadeira vazia, um prato de comida, um balão voando entre os fios de alta tensão, e o horror já está instaurado na mente de quem assiste.

Outro grande mérito do filme, é a utilização de um leitmotiv pela primeira vez no cinema. Isso acontece quando, por meio de alguma música, é possível lembrar de um personagem ou objeto importante dentro do filme. No caso de **M**, sempre que se ouve o refrão de *In the Hall of the Mountain King* sendo assobiado, sabe-se que o assassino está por perto.

Lang mostra, ainda, o pesado clima social e político da Alemanha na época, denunciando a histeria coletiva e o cinismo como maneira de alcançar o poder. Também já apresentava os grupos paramilitares nazistas que, embora ainda não tivessem ascendido, eram uma força política da época e criavam tribunais particulares para decidir o que quisessem.

M traz a reflexão sobre o fazer a justiça com as próprias mãos e em como isso pode sair do controle. Será mesmo que um bandido linchado é um a menos



na rua ou vários outros soltos após terem-no matado? Será que transtornos mentais podem justificar os assassinatos? Qual a eficiência da polícia e das instituições que tratam doentes mentais? O filme fala sobre o medo que a sociedade sente de um de seus próprios produtos: o assassino em série.

CINEMA



O silêncio de Eugênia

ALYSON SANTOS

Docente na rede pública de ensino, Mestrando em Análises Literárias na Universidade Estadual de Maringá e colaborador no Blog CineGrafia, hospedado no Jornal O Diário do Norte do Paraná.

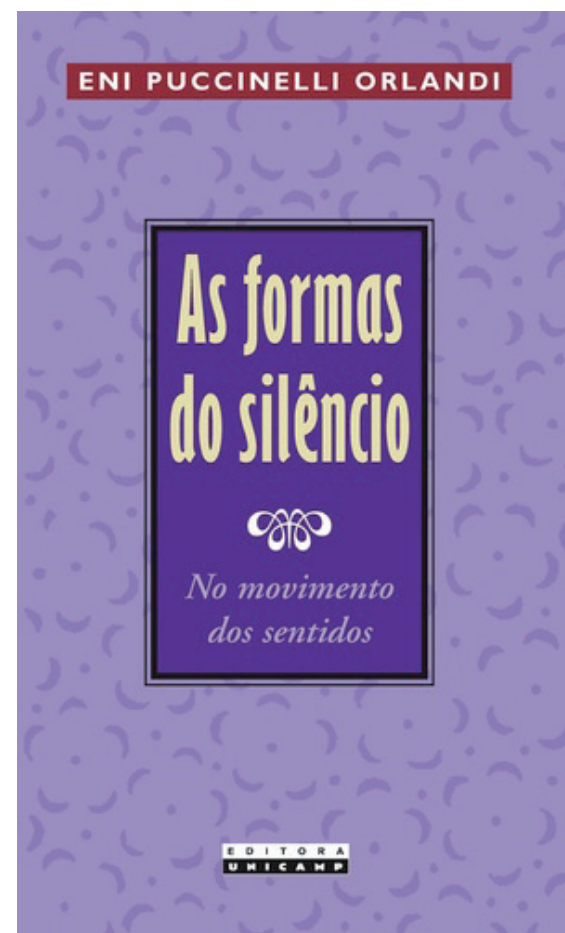
“Tenho necessidade de viver. Estes dous anos são nulos na conta de minha vida: foram dous anos de tédio, de desespero íntimo de orgulho abatido, de amor abafado”, desabafa Eugênia. Sob as escrituras de Machado de Assis, o conto Confissões de uma viúva moça – que fora publicado no Jornal das Famílias, em 1867 – ganha vida literária. A subordinação e a frustração de quem está dentro de um sistema que não dá voz a sua agonia, faz a dama gritar o que silenciou durante anos.

A pesquisadora Eni Puccinelli Orlandi, ganhadora do prêmio Jabuti em Ciências Humanas, com a obra *As Formas do Silêncio*, possibilita a equiparação de sua teoria com a obra machadiana. A narrativa abrange três personagens: a própria viúva Eugênia, seu marido e Emílio, dono de toda a intriga. A esposa se vê em constante conflito consigo mesma, provocada pelas restrições que faziam dela submissa dentro de um casamento infeliz e tentada a traição pelo cortejo de

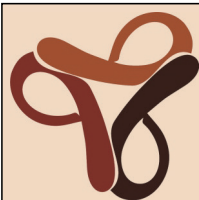
um indivíduo charmoso. Nas cartas a uma amiga, Eugênia reflete o silêncio do impedimento e a derrota de suas vontades.

Era pertinente no século XIX a normalidade dos valores misóginos e a obediência às ordens da igreja. Os tipos de censura resultantes de sistemas sociais, políticos ou eclesiásticos deságua na produção do silêncio sob a forma fraca. É uma estratégia circunstanciada em relação à política dos sentidos: é a produção do interdito, do proibido. Elege-se a censura por considerar que nela existem processos que nos indicam modos de funcionamento relevantes do silêncio.

Para ela era um crime a traição, mas não sabia qual era a fatalidade. Ela achava – como compôs Machado – nas delícias do crime desculpa ao seu erro, e procurava com isso legitimar a sua paixão. Os momentos finais do conto contêm todo o ensejo machadiano, em um desfecho “especial” para as personagens femininas. A intriga está lá. A surpresa também. Tudo com uma ironia fina, que poucos no mundo das letras usaram com tamanha maestria.



LITERATURA



E P P M - Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá

Venha melhorar ainda mais sua prática clínica com renomados professores.

A EPPM é uma instituição de referência que oferece curso de especialização *lato sensu* para estudantes do último ano e graduados em Psicologia ou Medicina.

Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Contemporânea

O curso oportuniza o conhecimento das teorias de autores como Freud, Klein, Bion e Winnicott junto dos aportes de autores contemporâneos que permitem o aperfeiçoamento do diagnóstico e da técnica. As aulas são ministradas por professores brasileiros e estrangeiros.

Centro de Atendimento

A EPPM indica pacientes para os seus discentes, no intuito de ajudá-los a adquirir experiência clínica e a custear os estudos. Os atendimentos são realizados nos consultórios dos pós-graduandos, a preços mais acessíveis.

Clínica Psicanalítica com Famílias

Na Argentina, já há várias décadas, vem se desenvolvendo intensamente uma produção teórica na qual o outro, a alteridade e a relação entre os sujeitos, é focalizada desde novos vértices. Este desenvolvimento, oriundo inicialmente da necessidade de compreender as transformações nas famílias em um mundo onde predomina a diversidade, tem levado a propor ampliações teóricas que, em seu conjunto, receberam a denominação de psicanálise das Configurações Vinculares. Este marco conceitual está na base do curso de formação que a EPPM está trazendo para o Brasil.

Coordenadoras: Prof^ª. Dr^ª. Paulina Zukerman (Argentina - International Psychoanalytical Association) e Prof^ª. Ms. Juana Ester Kogan (IUSAM - Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires).

Professores convidados: Dr. Júlio Moreno, Dra. Maria Laura Mendez, Mariana Cantarelli, Griselda Santos e outros.

Duração: 2 anos com aulas 1 sábado por mês das 08h às 12h.

As aulas terão tradução simultânea.



Diretora Geral: Juana Ester Kogan CRP 08/04388. Diretora Pedagógica: Rosana Ravelli Parré CRP 08/08577

Maiores informações pelo fone (44) 3227-0252 ou pelo site <http://www.eppm.com.br>



InPACi

Curso: AMOR e IDENTIFICAÇÃO em FREUD e LACAN.

Com Claudio Rubin - Psicanalista, Doutor pela PUC-PR

Sábado 19 de março: A Identificação - 16 de Abril: O Amor.

Instituto Paranaense de Psicanálise, Artes e Ciências

Contato: inpaci_instituto@yahoo.com.br

LOCAL: Av. HUMAITÁ, 558. Maringá - PR

..Fone: 44 - 9976.0982

PALESTRA: CLAUDIO E. RUBIN 18 DE MARÇO às 20 horas

A inconsistência do ser.

Aproximações sobre o traço e a imagem na Identificação.

FIQUE BEM INFORMADO

Leia as edições de nosso
jornal também online:

www.institutopsicologiaemfoco.com.br



Curso de Especialização em
Terapia Cognitiva Comportamental
 Terapia Cognitiva de Beck
 CRP 06/4570-J / Credenciamento MEC 7.15.16
MARINGÁ | PR
INÍCIO 15 de Abril de 2016

Inscrição R\$ 50,00
Matrícula R\$ 300,00

Mensalidade R\$ 640,00
 Desconto de 40%, na matrícula,
 para associados da FBTC*
 Grupos de 10 pessoas** ou acima disto,
 terão **isenção da matrícula** e descontos de
 15% nas mensalidades (24xR\$ 562,50).

RECONHECIMENTO DO
MEC E DEGERT

INSCRIÇÕES
 (44) 3025 7832 ou www.ctcverda.com.br
ctcvedamaringa@gmail.com
Av. Tiradentes, 1008, 10º andar, sala 1001

CTC Veda
 Clínica, Ensino e Pesquisa
 Profissionalismo, competência e ética são valores essenciais.
 Maiores informações: www.ctcveda.com.br

pensando emoções
 19.03

eduardo augusto tomanik
 palestrante

09h às 12h — palestra
14h às 17h — exibição e debate de "O Jardim de Rosas"

horário
 puc maringá local
 institutopsicologiaemfoco.com.br
 inscrições pelo site

Oficina do Saber
 realização

Chierrito Feltros
 VERMELHO RANDELL
 design
 apoio

PUCPR
 patrocínio

InPACi
 patrocínio

MARIA CRISTINA RICCO
 patrocínio

VOCÊ SABIA?

Razão x emoção

O psicólogo norte-americano Albert Ellis (1913-2007) criou a Terapia Racional Emotivo-Comportamental (TREC), a partir da qual postulou que não são as experiências em si que causam as emoções nos indivíduos, mas, sim, suas convicções sistemáticas. Ellis percebeu em muitos pacientes a dificuldade de remissão dos sintomas e atribuiu esse fato ao raciocínio do indivíduo. Para o autor, a maioria dos problemas emocionais se deve a pensamentos irracionais. Um exemplo disso poderia ser visto em nossa tendência a tirar conclusões negativas

das coisas que nos ocorrem. Para Ellis, o pensamento irracional traz consequências emocionais doentias, ao passo que o pensamento racional seria benéfico aos indivíduos, levando-os a tolerar e suportar as adversidades. Ellis destaca que isso não implica ignorar os fatos negativos de modo ingênuo, mas sim reconhecer a dor, culpa e frustração como emoções inerentes ao humano.



O QUE MUDA É SUA BAGAGEM

Você pode estudar nos melhores colégios, se formar nas principais escolas de línguas e ingressar nas mais destacadas universidades do país, mas nada se compara ao aprendizado que você adquire no intercâmbio.

Viva a experiência de estudar fora do país, aprender ou aprimorar um novo idioma, conhecer novas culturas e conviver com pessoas do mundo inteiro.

Viva uma experiência ICI.



Av. Rio Branco, 155 Zona 04 - Maringá - PR
(44) 3305-3662

